

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

MAGDA MARGARETH PERES LEITE

**PEDRO WAYNE: APONTAMENTOS BIOGRÁFICOS E APRESENTAÇÃO DO
LIVRO DE CONTOS *LAGOA DA MÚSICA***

Bagé

2021

MAGDA MARGARETH PERES LEITE

**PEDRO WAYNE: APONTAMENTOS BIOGRÁFICOS E APRESENTAÇÃO DO
LIVRO DE CONTOS *LAGOA DA MÚSICA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Letras Português e
Literaturas de Língua Portuguesa, da
Universidade Federal do Pampa, como requisito
parcial para obtenção do título de Licenciada em
Letras

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vera Lúcia Cardoso
Medeiros

Bagé

2021

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

L533p Leite, Magda Margareth Peres
Pedro Wayne: apontamentos biográficos e
apresentação do livro de contos Lagoa da Música /
Magda Margareth Peres Leite.
50 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) --
Universidade Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2021.

"Orientação: Vera Lúcia Cardoso Medeiros".

1. Pedro Wayne. 2. Lagoa da Música. 3. Contos. I.
Título.

MAGDA MARGARETH PERES LEITE

**PEDRO WAYNE: APONTAMENTOS BIOGRÁFICOS E APRESENTAÇÃO DO
LIVRO DE CONTOS *LAGOA DA MÚSICA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 19 de maio de 2021.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Vera Lúcia Cardoso Medeiros
Orientadora
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Lúcia Maria Britto Corrêa
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Miriam Denise Kelm
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **VERA LUCIA CARDOSO MEDEIROS, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 20/05/2021, às 17:17, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MIRIAM DENISE KELM, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 20/05/2021, às 20:13, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LUCIA MARIA BRITTO CORREA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 21/05/2021, às 04:17, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](#), informando o código verificador

0531307 e o código CRC **7A655CF8**.

Referência: Processo nº 23100.008494/2021-81 SEI nº 0531307

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me acompanhar e sustentar até o momento nesta caminhada.

Ao meu filho Pablo Peres Leite, aos familiares e amigos, por suportarem a minha ausência durante esse trabalho.

Ao meu amor, João Décio Fagundes Ávila, por todas as palavras de apoio durante o tempo que eu estive hospitalizada com o Coronavírus e depois todo o carinho e cuidado na volta para casa e pela paciência enquanto eu produzia este trabalho.

Ao meu irmão, Reverendo Sam Dessórdi Peres Leite que, morando atualmente em Washington DC, carinhosamente fez a tradução para o inglês do resumo deste trabalho e me deu todo apoio durante essa pandemia, no qual precisei de cuidados médicos.

À Ester Wayne, filha do Pedro Wayne, pelas conversas e carinho.

À orientadora, professora Vera Lúcia Medeiros, pela paciência, apoio e compreensão.

À Heloisa Beckman, diretora da Casa de Cultura Pedro Wayne, pela entrevista, pesquisa, fotos e diversas informações que ilustram este trabalho.

Em especial, à Maria do Horto Ozório de Moraes, minha amiga, que, por longos anos, acompanha e incentiva a minha trajetória acadêmica; e ao Gabriel, por ficar sem a vovó por mais de 40 dias enquanto ela se dedicava ao trabalho de Conclusão do Curso.

Os incrédulos, homens que leem livros complicados e enredadores, ignoram por certo que a água das lagoas e dos rios, na campanha, guarda consigo o espírito dos gaúchos valentes e sinceros que são pela liberdade de seu povo... (Pedro Wayne)

RESUMO

O presente trabalho apresenta aspectos da vida do escritor Pedro Wayne e do livro de contos *Lagoa da música*. Para isso, realiza breve levantamento de parte do acervo da família Wayne disponível na Casa de Cultura Pedro Wayne, localizada na cidade de Bagé, Rio Grande do Sul. Este trabalho procura reconhecer sua contribuição à sociedade bajeense e proporcionar a divulgação de dados sobre sua vida e sua obra no meio acadêmico. Esta pesquisa adotou como metodologia a análise documental, considerando como documentos-fontes o arquivo de registro da família Wayne (fig.1 em Anexos) denominado *Pedro Wayne, artigos e crônicas*; leitura das obras *Panorama Poético de Pedro Wayne*, do escritor bajeense Clóvis Assumpção; *Pedro Wayne* por Ernesto Wayne; *Pedro Wayne Um Alfabeto á parte*, de Cristina Maria Rosa; além de depoimentos que retratam situações que envolvem o escritor em atuação na sociedade bajeense e de entrevistas com familiares e escritores que estiveram em contato com o autor.

Palavras-chave: Pedro Wayne. Lagoa da Música. Contos.

ABSTRACT

This work is a brief survey of part of the Wayne family collection, focused on the life and work of the writer, Pedro Wayne. The main objective of this work is to recognize his contribution to the local society, Bagé, and to promote the dissemination of his work across the academic sector. The research methodology was 'documental analysis', based on the following source documents: the Wayne family record file (fig.1 in Annexes), called Pedro Wayne; articles and chronicles; reading of the works, 'Panorama Poético de Pedro Wayne,' by the Bahian writer Clóvis Assumpção; Pedro Wayne by Ernesto Wayne; Pedro Wayne An Alphabet apart from Cristina Maria Rosa; testimonies that portray situations that involve the writer working in Bahian society; and interviews with family members and writers who were in contact with the author.

Keywords: Pedro Wayne. Lagoa da Música. Short stories.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	111
2 DADOS BIOGRÁFICOS.....	12
2.2 – Estudos críticos.....	15
2.3 – Linha do tempo	16
3 LAGOA DA MÚSICA.....	23
3.1 – Dados da obra	23
3.2 – Apresentação da síntese dos contos	23
3.2.1 - Passo das Mortes.....	23
3.2.2 - Carvão.....	24
3.2.3 - Caulim.....	24
3.2.4 - Tesouro dos jesuítas.....	25
3.2.5 - Lagoa da Música.....	25
3.2.6 - Rincão da Preta	27
3.2.7 - Panela do Candal.....	28
3.2.7.1 – Considerações sobre o conto da Panela do Candal.....	29
3.2.8 - Água da bica	30
3.3 – O Autor apresenta-se na obra.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
ANEXOS	33
REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

Este breve levantamento de parte do acervo da família Wayne, mais precisamente com respeito à vida e obra do escritor Pedro Wayne, tem como objetivo principal reconhecer sua contribuição à sociedade bajeense e proporcionar a divulgação de sua obra no meio acadêmico. A pesquisa adotou como metodologia a análise documental, considerando como documentos-fontes o arquivo de registro da família Wayne (fig.1 em Anexos), denominado *Pedro Wayne, artigos e crônicas*; a leitura das obras *Panorama Poético de Pedro Wayne*, do escritor bajeense Clóvis Assumpção, *Pedro Wayne*, de Ernesto Wayne, e *Pedro Wayne. Um Alfabeto à parte*, de Cristina Maria Rosa e do artigo “Lagoa da Música, de Pedro Wayne: ecos da História e do imaginário do pampa gaúcho”, de Vera Lúcia Medeiros. Também consideramos depoimentos que retratam situações que envolvem o escritor em atuação na sociedade bajeense, e entrevistas com familiares e escritores que estiveram em contato com o autor.

O livro *Lagoa da Música* foi publicado depois da sua morte e, neste trabalho, será apresentada síntese de cada conto, com atenção especial para “Panela do Candal”, que foi transformado no filme “A lenda do monstro da Panela do Candal”, produzido por alunos do IFSul Campus Bagé, sob a coordenação do professor Lisandro Moura, além de dar nome a um projeto de revitalização da área onde é localizado o espaço chamado de Panela do Candal, por parte da Prefeitura Municipal de Bagé.

Em anexo, apresentamos fotos do material “Pedro Wayne, artigos e crônicas”, do acervo de móveis, objetos pessoais, manuscritos e rascunhos datilografados que pertenceram ao escritor e foram doados pela família Wayne para a Casa de Cultura de Bagé, que leva seu nome.

2 DADOS BIOGRÁFICOS

2.1 Depoimentos de familiares

Em entrevista particular com Ester Wayne, filha do escritor Pedro Wayne (PW), na residência da sua sobrinha Dolores Wayne, em Bagé, realizada em abril de 2019, descobrimos uma pessoa doce e com muito orgulho em falar do seu pai. Tinha 15 anos quando o pai faleceu.

Ela lembra muito pouco do pai, pela breve convivência com ele, mas lembra da casa onde nasceu e morou com os seus pais e irmãos, comovida pela lembrança do pátio com as parreiras e o galinheiro ao fundo e pelo terreno cercado por arames farpados, onde brincou muito em sua infância. Sua mãe, D. Leopoldina Calo Wayne, morou lá até falecer, em 2009, aos 101 anos de idade. A casa ficava na Rua Dr. Verissimo ao lado da casa onde, no passado, moraram os seus avós maternos. As informações que ela tem do pai Pedro Wayne foram repassadas pelos irmãos e pela mãe “Dininha”.

Na VII Feira do Livro de Bagé, cujo patrono foi o escritor Ramon Wayne, outro filho de Pedro Wayne, teve uma exposição de capas de livros publicados pela família Wayne. A família tem quinze escritores, um professor, um compositor, uma cantora e um ator.

PW escreveu para a filha Ester os livros *Histórias da Teté*, *Outras histórias da Teté* e *Continuam as histórias da Teté*. Era como uma cartilha para ela aprender a conhecer o alfabeto.

Dona Ester casou-se e foi morar na cidade de Santa Maria em 1961, onde reside até hoje. Vem sempre à Bagé rever a família e sempre que tem algum evento ou homenagens para o seu pai Pedro Wayne, ela se faz presente.

Ernesto Wayne, o filho primogênito de PW e Dina, professor, jornalista e escritor; jovem prodígio, visto que, com apenas 16 anos de vida, reuniu-se com artistas plásticos, e escritores de sua época (1945) com a finalidade de montar o grupo que mais tarde seria conhecido como “os novos de Bagé” e finalmente por “O Grupo de Bagé” no qual fazem parte o pintor Glauco Rodrigues, o gravurista Glenio Bianchetti, o escritor Jacy Maraschin. Ernesto Wayne foi um dos mentores deste Grupo que representou tão bem a cidade de Bagé não só no Rio Grande do Sul, mas em todo o país, e em alguns países da Europa. O grupo tinha como propósito, a popularização da arte através da abordagem de temas sociais e regionais.

Em seu livro intitulado *Pedro Wayne – Letras Rio-grandenses*, do Instituto Estadual do Livro, de 1989, Ernesto escreveu sobre a vida do seu pai desde o nascimento.

Em 26 de fevereiro de 1904 é onde começa a biografia do escritor Pedro Wayne com o seu nascimento. Filho de Rubens Freitas Wayne e Maria Estter de Freitas eram primos, no Distrito de Santo Antônio, Salvador, Bahia.

O nome Weyne foi trocado por Wayne, em função da pronúncia que os bajeenses usavam, conforme fontes orais contados por seus familiares.

O pai do PW foi transferido da Bahia para o Rio Grande do Sul em 1906. Em 04 de agosto de 1907 a família transferiu-se para Pelotas no Rio grande do Sul. A família era composta pelo pai Rubens, a mãe Maria Estter e os irmãos Paulo de Tarso e James. O senhor Rubens Weyne lecionou no Colégio Brasileiro. Neste mesmo ano, nasceu a primeira irmã de Pedro no dia 16 de julho de 1908 que se chamou Maria das Dores.

Aos 19 anos, o escritor Ernesto Wayne afirma que o senhor Rubens Weyne enviou o filho Pedro para o Rio de Janeiro por ter se envolvido no movimento político Maragato que se antepunha aos Chimangos em disputas políticas no Rio Grande do Sul. O Estado do Rio Grande do Sul reage a Borges de Medeiros.

Em 16 de maio de 1923 nasceu mais uma irmã de Pedro Wayne chamada Terezinha. PW veio para a cidade de Bagé, trabalhar no Banco Pelotense.

Foi neste ano, que em passeio à Praça da Matriz, em Bagé, avistou Leopoldina Almeida Calo, na janela da casa dos seus pais em frente à praça e que teve o seu primeiro encontro, em companhia do amigo Fernando Borba. Pedro conheceu a família de Don Ramón Calo Y Miguens, um espanhol nascido em Nebra na região da Galícia, Espanha que saiu de Pelotas para vir trabalhar em Bagé na produção do charque. Pedro casou-se no dia 16 de maio de 1928, com a filha caçula de Don Ramón, a moça que conhecera no ano anterior Leopoldina Almeida Calo. Pedro tinha 24 anos e Dina 20.

Em 03 de junho de 1930 nasceu a primeira filha mulher do casal, chamada Dolores.

Depois no final do ano, em 26 de novembro de 1930, nasceu o irmão mais novo de Pedro, chamado Juarez.

Revolução de Vargas: Se instaura o “Getulismo” que consiste na adoração à personalidade de Getúlio Vargas e no seu estilo característico de governo. Como tenente dos provisórios, Pedro Wayne pega em armas.

Pedro Wayne publicou “Versos Meninosos e a Lua” pelas oficinas Gráficas da Livraria do Globo em Porto Alegre. Publicou também, o Poema “Sereias e Séculos” na Revista Excelsior do Rio de Janeiro em abril de 1931. O recorte desta publicação é o primeiro da página do “Diário” de Pedro Wayne, que ele próprio fez questão de montar para ser feito a sua biografia, já que queria ser lembrado. Diário, este, que se encontra na Casa de Cultura Pedro Wayne em Bagé, entre os objetos doados pela família.

Neste mesmo ano, fechou o Banco Pelotense, fundado em 1906 com capital dos pecuaristas e charqueadores. A liquidação do banco causou um profundo abalo na economia da cidade e da região. Crise do café; baixam os preços; os estoques são queimados por ordem de Getúlio Vargas.

Exerceu atividades autônomas após seu trabalho no Banco Pelotense.

Nesse ano se mudou para a charqueada do sogro, para trabalhar de contador. Foi durante o trabalho na charqueada, que Pedro conheceu o dia-a-dia do “saladeiro”, homem que lidava direto com a carne salgada para fazer o charque.

No dia 09 de novembro de 1932 nasceu o filho Ramón, nome escolhido para homenagear o pai de Dina, Don Ramón.

Possivelmente neste ano, 1933, Pedro Wayne registrou em fotos e por escrito o processo de produção e transporte por trens do charque, além de todo o movimento de proprietários, capatazes, abatedores, saladeiros, e de todos os trabalhadores da charqueada, os quais inspiraram os seus personagens no romance *Xarqueada*. No mesmo ano Gilberto Freyre lança *Casa-Grande & Senzala* e Érico Veríssimo edita *Clarissa*.

Edita o Álbum Associação Rural de Bagé. Pedro Wayne combate o integralismo em ascensão, quase foi morto por policiais militares que armados apontaram-lhe as arma; foi salvo por Luís Mércio Teixeira, Prefeito de Bagé na época, que o puxou para trás para salvá-lo e foi uma luta impedir que Pedro expusesse o peito às balas dos militares.

Com 30 anos, depois das experiências como bolicheiro, contador e administrador das charqueadas “São Miguel”, “Progresso dos criadores”, “Apleby”, “São Geraldo” e “Biboca”, Pedro voltou para a sede da cidade de Bagé. Trabalhou como motorista de caminhão, “garção de frege” e vendedor ambulante.

Conforme depoimentos orais da família, Pedro e amigos intelectuais criaram, publicaram e distribuíram três edições do jornal chamado de *ABCDEFGHIJKLMNPOQRSTUVWXYZ*. Tinha cunho crítico e cultural e rebatia a indignação dos leitores com textos irreverentes, o motivo pelo qual foi impedido de continuar circulando.

Em 1945 Pedro Wayne integra a delegação gaúcha para o I Congresso Brasileiro de Escritores em São Paulo; quando volta, encontra reunido em sua casa o jovem “Grupo de Bagé”, ainda chamado os “Novos de Bagé” no qual fazem parte o pintor Glauco Rodrigues, o gravurista Glenio Bianchetti, o escritor Jacy Maraschin e seu filho, o poeta Ernesto Wayne, entusiasmado, escreve uma reportagem “Montparnasse em Bagé” onde chama a atenção sobre a importância daqueles jovens que defendiam a popularização da arte através da abordagem de temas sociais e regionais.

No ano de 1947, Pedro perde a sua filha Dolores Maria aos 16 anos de idade, depois de alguns anos de sofrimento pela Tuberculose.

Em razão da morte de sua filha, neste mesmo ano, publica “Tropel de Aflições”.

Morreu em 13 de outubro em 1951, sem nunca ter se conformado com a morte da filha.

Publicação póstuma de *Lagoa da Música* em 1955, pela Editora Lobo seus contos folclóricos “Lagoa da Música”.

2.2 Estudos críticos

CLÓVIS ASSUMPCÃO

Clóvis Pereira Assumpção nasceu em Bagé, em 1920, foi poeta, crítico de arte e cinema, advogado e jurista, professor de Filosofia da Arte na UFRGS e crítico de arte do Jornal Correio do Povo em Porto Alegre.

Escreveu em 1975, o livro *Panorama Poético de Pedro Rubens Wayne*, onde fez um estudo sobre a obra de PW contando que o escritor foi um dos mais característicos e relevantes poetas do modernismo no Rio Grande do Sul e conhecido em todo o Brasil. Prova disso, que houve inúmeras manifestações por cartas e dedicatórias dos maiores poetas em seus livros a ele endereçados.

Embora tivesse se isolado em Bagé, nem por isso foi menos divulgado em toda a imprensa de importância na época, onde escritores de renome no país escreveram sobre ele.

Na poesia de Pedro Wayne não há grandezas, nem reverberações, cintilar de gemas ou manifestos de qualquer natureza. Wayne não se confessou, nem se desculpou. Escreveu como viveu, simplesmente, com profunda e enraizada autenticidade. Na linha dos que falam direto sem falar difícil, ou procurar surpreender os demais, ou envolve-los, ou convencê-los. Ai está uma das fontes do seu vigor. A forma das verdades ditas como quem não quer nada, como quem fala em voz baixa, mas que não pode deixar de ser ouvido, porque toca o fundo das criaturas, como toda poesia legítima, obscurecendo as diferenças, dificuldades e malabarismos. É fluir doce sem ser fácil. É o enumerar coisas essenciais como o pão, a terra a água, o mar, a vida a morte. (ASSUMPCÃO, 1975, p.07).

Na primeira fase da poesia de Pedro Wayne há o domínio, como em toda a poesia brasileira modernista, da piada, num depoimento de humorismo sadio. Conforme, Clóvis Assumpção, a importância artificial é excluída e a poética se renova pelo sorriso.

Na segunda fase, com a morte da filha, começa a ingressar no neomodernismo. Um tema avassalador e angustiante passa a tomar conta do escritor e sua poesia adquire profunda consternação, tristeza e questionamentos.

[...] o tema exposto longamente é como um prolongamento de seu dialogar, mas a voz muda de tom. A beleza da poética trespassada de amargura adquire soberania e toda a vivência do artista, com sua imensa verdade transcende para um plano onde a decepção das perdas irreparáveis afina ao máximo o instrumento do toque das próprias mãos do poeta. (ASSUMPCÃO, 1975, p.07).

CRISTINA MARIA ROSA

Professora Dra. Cristina Maria Rosa, da UFPel, com intuito de recuperar a trajetória intelectual de Pedro Wayne, veio para Bagé e coletou o testemunho de Leopoldina de Almeida Calo Wayne, viúva de Pedro Wayne. A pesquisa foi realizada de modo minucioso e organizada de modo didático, remetendo às fontes dos guardados do próprio escritor,

depoimentos das pessoas que o conheceram, documentos guardados nos arquivos pessoais, caracterizando o perfil de uma família comprometida com o mundo das Letras e da Literatura.

Tenho a suspeita de que Pedro, pensador do futuro que era, deixou-me esse presente. Encantei-me com Pedro Wayne e quase todas as palavras que ele escreveu. Encantei-me com sua forma original de se manter vivo, biografando-se. Encantei-me por sua peculiar forma de fazer livros, escrevendo, ilustrando, encadernando, dedicando a familiares e amigos. (ROSA, 2009, p.243).

De acordo com Cristina Maria Rosa, Pedro Rubens de Freitas Weyne, trocou o sobrenome Weyne no seu Registro de Casamento em 1928 e passou a assinar Wayne. A escritora prossegue dizendo que, Wayne foi um homem doce e fraterno e, ao mesmo tempo, de temperamento instável, explosivo, com reações inesperadas; um indivíduo extraordinário, socialista, com tendências comunistas, mas nunca foi filiado a nenhum partido político.

Admirada com a obra de Pedro Wayne, a escritora diz que, pela cultura que PW demonstrava ao escrever, dominava informações complexas utilizando vocabulário rico e uma linguagem metafórica e conceitual. Muito precocemente, com apenas dezesseis anos de idade, publicou o seu primeiro poema em 1920.

Segundo a pesquisa de Cristina Maria da Rosa, PW figura em alguns livros, entre eles, *Símbolos Bárbaros*, de Manoelito de Ornellas (1943), *Figuras e Ciclos da História rio-grandense*, de Carlos Dante de Moraes (1959), *Máscaras e Murais de Minha Terra*, de Manoelito de Ornellas (1966), *Panorama Poético de Pedro Wayne*, organizado por Clóvis Assumpção (1975), *A Literatura no Rio Grande do Sul*, de Regina Zilberman (1980) e *Pedro Wayne*, de Ernesto Wayne (1989).

Pedro Wayne é oriundo de uma família culta no qual há poetas, professores, trovadores e escritores tanto por parte da família do seu pai, como da sua mãe. Dedicou-se à Literatura Regionalista do interior do Rio Grande do Sul, onde tratou do período de transição da indústria da carne salgada, da vida humilde e miserável dos saladeiros no seu livro *Xarqueada*, para o moderno processo técnico dos frigoríficos.

Esteve no Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores no Teatro Municipal de São Paulo em 22 de janeiro de 1945, conforme a pesquisa de Cristina Maria Rosa, que encontrou um crachá com o nome de Pedro Wayne dentre os crachás de importantes escritores da época como Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego, Sérgio Buarque de Holanda, Mário de Andrade, Érico Veríssimo, Oswald de Andrade, Aníbal Machado entre outros.

2.3 Linha do tempo

1904

No dia 26 de fevereiro de 1904 nasceu Pedro Rubens de Freitas Weyne, filho de Rubens Freitas Weyne e Maria Estter de Freitas, eram primos, no Distrito de Santo Antônio,

Salvador, Bahia. O nome Weyne foi trocado por Wayne, em função da pronúncia que os bageenses usavam, conforme fontes orais contados por seus familiares.

1907

Em 04 de agosto de 1907 a família transferiu-se para Pelotas no Rio grande do Sul. A família era composta pelo pai Rubens, a mãe Maria Estter e os irmãos Paulo de Tarso e James.

1908

O senhor Rubens Weyne lecionou no Colégio Brasileiro. Neste mesmo ano, nasceu a primeira irmã de Pedro no dia 16 de julho de 1908 que se chamou Maria das Dores.

1910

O senhor Rubens Weyne lecionou no Colégio Brasileiro. Neste mesmo ano, nasceu a primeira irmã de Pedro no dia 16 de julho de 1908 que se chamou Maria das Dores.

1914

Aos dez anos, Pedro foi matriculado no Gymnasio Gonzaga escola católica fundada pelos jesuítas. Junto com o seu irmão Paulo de Tarso, ingressou no “Primeiro Curso Preliminar A”, cuja pontuação maior, no final do ano entre os alunos foi de 365 e Pedro tirou a nota 85.

1915

Pedro ingressou no “Segundo Curso Preliminar A”, acompanhado do seu irmão Paulo de Tarso. Neste mesmo ano também o irmão James foi matriculado no “Primeiro Curso Preliminar B”. Ao final do ano, os irmãos Weyne mereceram distinção por concluir em boas posições: Pedro em 6º lugar, Paulo em 9º e James mereceu o “Premio de Excellencia” pelo primeiro lugar.

1916

Neste ano Pedro, Paulo e James frequentaram a Escola de Escoteiros que foi inaugurada em 05 de novembro de 1916 e foi dirigida pelo Dr. Fernando Osório e pelo professor Rubens Weyne, pai dos meninos. Ainda estudando no Gymnasio Gonzaga, os irmãos Weyne estavam entre os 400 alunos da escola que concluíram o ano escolar, estudar nessa escola era o caminho mais seguro para ingressar no Ensino Superior, já que parte dos filhos da elite econômica estudava ali.

1917

Pedro e seus irmãos foram matriculados no *Gymnasio Pelotense*, uma escola pública fundada pelas Lojas Maçônicas “Antunes Ribas” e “Fraternidade número 3”. Nasceu a irmã Lucy em 03 de julho de 1917.

1918

Pedro passou para o IV Primário. Os irmãos Weyne foram dispensados de pagar a matrícula porque seu pai era professor na escola.

1919

Aos 15 anos, Pedro provavelmente ingressou no Instituto de Ensino Secundário ou na Academia de Comércio de Pelotas. A possibilidade de ser na Academia de Comércio, porque Pedro foi diplomado contador seis anos depois.

1920

Nasceu a irmã Betty em 08 de janeiro de 1920. Conforme a introdução à 2ª edição de *Xarqueada* escrita por Ernesto Wayne, Pedro publicou o primeiro poema chamado “Recordação”.

1922

Com 18 anos, é provável que neste ano, Pedro tenha servido ao Exército estimulado pelos argumentos de Olavo Bilac que pregava a necessidade do Serviço Militar como “preito de amor à Pátria”. Em 17 de abril, o pai de Pedro se exonerou da Alfândega para trabalhar no banco Pelotense. Em 18 de julho deste mesmo ano nasceu o irmão Mário.

1923

Aos 19 anos, conforme a biografia que fez do pai, o escritor Ernesto Wayne (1982) afirma que o senhor Rubens Weyne enviou o filho Pedro para o Rio de Janeiro por ter se envolvido no movimento político Maragato que se antepunha aos Chimangos em disputas políticas no Rio Grande do Sul. Em 16 de maio nasceu mais uma irmã de Pedro Wayne chamada Terezinha.

1924

Segundo depoimentos da família, Pedro Wayne foi diplomado Contador tendo registro profissional como “Guarda-Livros” sob o número 33.124, provavelmente no Instituto de Ensino Secundário ou na Academia de Comércio de Pelotas, as informações não são precisas devido a um incêndio ter queimado parte dos arquivos da época, para que se comprovem a escolaridade de Pedro.

1927

Com 23 anos Pedro foi admitido como Escriturário no Banco Pelotense, sendo transferido para Bagé. O banco estava no auge financeiro e era abrigado em um dos mais belos prédios da cidade, onde é o Banco Bradesco. Foi neste ano, que em passeio à Praça da Matriz, avistou Leopoldina Almeida Calo, na janela da casa dos seus pais em frente à praça e que teve o seu primeiro encontro, em companhia do amigo Fernando Borba.

1928

Pedro conheceu a família de Don Ramón Calo Y Miguens, um espanhol nascido em Nebra na região da Galícia, Espanha que saiu de Pelotas para vir trabalhar em Bagé na produção do charque. Pedro casou-se no dia 16 de maio de 1928, com a filha caçula de Don Ramón, a moça que conhecera no ano anterior Leopoldina Almeida Calo. Pedro tinha 24 anos e Dina 20.

1929

Em 14 de abril, nasce o primeiro filho de Pedro e Dina, Ernesto, que se torna, ainda na juventude, repórter, escritor, poeta e biógrafo do pai. Em 27 de maio de 1928, Pedro pediu a exoneração do Banco, depois de duas licenças para tratar da saúde.

1930

Em 03 de junho de 1930 nasceu a primeira filha mulher do casal, chamada Dolores. Depois no final do ano, em 26 de novembro de 1930, nasceu o irmão mais novo de Pedro, chamado Juarez. Revolução de Vargas: Se instaura o “Getulismo” que consiste na adoração à personalidade de Getúlio Vargas e no seu estilo característico de governo. Como tenente dos provisórios, Pedro Wayne pegou em armas.

1931

Pedro Wayne publicou *Versos Meninos e a Lua* pela Livraria do Globo em Porto Alegre. Publicou também, o Poema “Sereias e Séculos” na Revista Excelsior do Rio de Janeiro em abril de 1931. O recorte desta publicação é o primeiro da página do “Diário” de Pedro Wayne, que ele próprio fez questão de montar para ser feito a sua biografia, já que queria ser lembrado. Diário, este, que se encontra na Casa de Cultura Pedro Wayne entre os objetos doados pela família. Neste mesmo ano, fechou o Banco Pelotense, fundado em 1906 com capital dos pecuaristas e charqueadores. A liquidação do banco causou um profundo abalo na economia da cidade e da região. Crise do café; baixam os preços; os estoques são queimados por ordem de Getúlio Vargas.

1932

Exerceu atividades autônomas após seu trabalho no Banco Pelotense. Nesse ano se mudou para a charqueada do sogro, para trabalhar de contador. Foi durante o trabalho na charqueada, que Pedro conheceu o dia-a-dia do “saladeiro”, homem que lidava direto com a carne salgada para fazer o charque. No dia 09 de novembro de 1932, nasceu o filho Ramón, nome escolhido para homenagear o pai de Dina, Don Ramón.

1933

Possivelmente neste ano, Pedro Wayne registrou em fotos e por escrito o processo de produção e transporte por trens do charque, além de todo o movimento de proprietários, capatazes, abatedores, saladeiros, e de todos os trabalhadores da charqueada, os quais inspiraram os seus personagens no romance “Xarqueada”. Edita o Álbum Associação Rural de Bagé.

1934

Pedro Wayne combate o integralismo em ascensão, quase foi morto por policiais militares que armados apontaram-lhe as arma; foi salvo por Luís Mércio Teixeira, Prefeito de Bagé na época, que o puxou para trás para salvá-lo e foi uma luta impedir que Pedro expusesse o peito às balas dos militares. Com 30 anos, depois das experiências como bolicheiro, contador e administrador das charqueadas “São Miguel”, “Progresso dos criadores”, “Apleby”, “São Geraldo” e “Biboca”, Pedro voltou para a sede da cidade de Bagé. Trabalhou como motorista de caminhão, “garção de frege” vendedor ambulante. Conforme depoimentos orais da família, Pedro e amigos intelectuais criaram, publicaram e distribuíram três edições do jornal chamado de “ABCDEFGHIJKLMN OPQRSTUVWXYZ”. Tinha cunho crítico e cultural e rebatia a indignação dos leitores com textos irreverentes, o motivo pelo qual foi impedido de continuar circulando.

1935

Publicou o livro de poesias *Dina* em homenagem à esposa Leopoldina, pelas Oficinas Gráficas da Livraria Globo em Porto Alegre. No livro original, em posse da família, Pedro deixa registrado data e hora que conheceu a mulher por quem se apaixonou e casou. Deixa claro, também, o desejo de ser biografado. Entre as poesias, “Bola de cristal” que vira um filme curta-metragem premiado no XI Festival de Cinema Internacional da Fronteira de 2019 do cineasta bajeense Gladimir Aguzzi.

1936

No dia 14 de junho nasceu a filha Ester, quarta e última filha do escritor e única que ainda vive, hoje com 86 anos e mora em Santa Maria; participa sempre de qualquer evento relacionado a vida de seu pai e da Associação dos Amigos da Casa Pedro Wayne em Bagé. Foi professora universitária, fundadora da APUSM - Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Maria, atuou na SEDUFSM – Seção Sindical dos Docentes da UFSM filiada à ANDES/SN Associação Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior – SN Sindicato Nacional. Foi para ela, que Pedro escreveu três livros manuscritos: *Histórias da Teté*, *Outras Histórias da Teté* e *Continuam as Histórias da Teté*, com a intenção de ensinar o “ABC” para a filha, que guardou os três exemplares sempre com ela até decidir entregar para o acervo da Casa de Cultura Pedro Wayne da Prefeitura de Bagé.

1937

Escreveu e publicou o seu primeiro romance *Xarqueada* pela Editora Guanabara do Rio de Janeiro. Escreveu o título com “X” por sugestões recebidas por carta de Jorge Amado e Oswald de Andrade, pois inicialmente a sua vontade era de intitular de “Charqueadinha”.

1938

Publicou o conto “Bagé” na Revista da Exposição.

1942

Então com 38 anos de idade, publicou o seu segundo romance *Almas Penadas* pela Editora Irmãos Pongetti do Rio de Janeiro.

1943

Em 28 de julho de 1943, Pedro Wayne proferiu uma conferência que foi denominada “Arte pela Arte e a Questão Social”, que depois foi publicada com o título de “À absoluta Animadora”, pelas Oficinas Gráficas da Livraria do Globo. O original encontra-se no acervo doado pela família na Casa de Cultura Pedro Wayne em Bagé.

1944

Como suplente de Juiz Municipal, participou ativamente da investigação no processo criminal contra o Dr. Gaffrée e outros, que foram denunciados pela morte do Dr. Walter Aguiar e em função desse crime morreram 16 pessoas em Bagé. Foi amplamente noticiado na imprensa de todo o Estado do Rio Grande do Sul. Em 31 de dezembro de 1944, publicou a crônica “Vidas Nascidas das Tintas” onde destaca o trabalho de Danúbio Gonçalves, então com 19 anos, pela primeira exposição de pintura em Bagé.

1945

Pedro Wayne integra a delegação gaúcha para o I Congresso Brasileiro de Escritores em São Paulo. Quando volta, encontra reunido em sua casa o jovem “Grupo de Bagé”, ainda chamado os “Novos de Bagé”, no qual fazem parte o pintor Glauco Rodrigues, o gravurista Glenio Bianchetti, o escritor Jacy Maraschin e seu filho, o poeta Ernesto Wayne. Entusiasmado, escreve uma reportagem para a Revista do Globo “Montparnasse em Bagé” onde chama a atenção sobre a importância daqueles jovens bageenses, fazendo com que outros jovens artistas viessem a integrar ao grupo como Carlos Scliar, Danúbio Gonçalves, José Moraes e Clóvis Assumpção.

1946

Pedro Wayne juntamente com o grupo dos jovens artistas criou o “Clube de Gravuras”. Formaram uma “Escolinha Infantil de Artes” com cerca de 160 crianças; o grupo foi decisivo para incluir o movimento artístico do sul no contexto artístico e cultural nacional.

1947

Neste ano, Pedro perde a sua filha Dolores Maria aos 16 anos de idade, depois de alguns anos de sofrimento pela Tuberculose. Escreveu 16 poemas para o livro *Tropel de Aflições* considerado pela crítica um comovente relato de angústia e profundo sofrimento que aquele momento turbulento lhe havia reservado para ele e sua família; versos altamente comoventes e tamanha beleza para descrever a enorme perda fazendo com ele não quisesse mais escrever e publicar nem poesia e nem prosa. E por isso o livro de contos folclóricos *Lagoa da Música* só foi publicado depois de sua morte em 1955.

1950

Pedro foi convidado, através de uma carta, para participar de um projeto de filme em São Paulo pela “Companhia Cinematográfica Vera Cruz”, tal era a dimensão dele aos olhos de outros escritores nacionais: “esta equipe deverá contar com um escritor rio-grandense que não esteja desenraizado”. (VERA CRUZ, 1950). Filme esse a ser rodado no RS. Ainda neste ano publicou o conto “No porão” na Revista “Saúde em Revista” do Rio de Janeiro.

1951

Em 13 de outubro de 1951, morre Pedro Rubens de Freitas Wayne, filho de Rubens e Maria Estter de Freitas Weyne vivos à época da morte do filho. Pedro deixou a esposa Leopoldina Almeida Calo Wayne os filhos Ernesto, Ramon e Ester e mais seus 11 irmãos. Todos os depoimentos orais e escritos são unânimes em afirmar que Pedro Wayne teve sua vida encurtada pelo sofrimento que a morte da filha lhe causou. Conforme deixado escrito pelo seu filho escritor Ernesto Wayne, “A morte de PEDRO Wayne atordoou Bagé: aqueles que o amavam e o admiravam ficaram traumatizados pela dor, quando souberam que se havia extinguido uma expressão magnífica da mentalidade rio-grandense. Era o seu maior escritor ficcionista que desaparecido”.

Atualmente, há em Bagé, a Casa de Cultura Pedro Wayne, fundada em 1902 pela firma “Affonso Garrastazu e Cia.”, foi adquirida pela Prefeitura Municipal de Bagé na década de 90, durante o governo do Prefeito Luís Alberto Vargas e recebeu o nome do Pedro Wayne por um projeto de lei do vereador Luiz Fernando Mainardi. Totalmente reformada e restaurada no ano de 2006, hoje abriga exposições de arte de artistas plásticos de todo o país e até do Exterior e variados eventos culturais. Abriga o Acervo do Pedro Wayne doado pela família que consta da estante com seus livros de autores amigos e prediletos e cartas de variados escritores brasileiros, a sua mesa e cadeira com a sua máquina de escrever e seus livros, alguns escritos à mão e outros datilografados.

3 LAGOA DA MÚSICA

3.1 Dados da obra.

O livro *Lagoa da Música* foi publicado em 1955, após a morte do escritor Pedro Wayne em 1951. Foi reeditado por Alba Consultoria sob a direção das escritoras bageenses Sonia Alcalde e Sarita Barros em 2000, no intuito de um resgate cultural dessa obra de ficção em cenário real, onde há registros do imaginário popular das lendas desta região. Pedro Wayne era apaixonado pela fauna e flora destas terras, fiel aos costumes e às histórias contadas pelas pessoas que ele ouvia com muita atenção para reproduzir em seus contos.

3.2 Apresentação da síntese dos contos.

Pedro Wayne inicia o livro, narrador em primeira pessoa, contando que Fernão Dias Paes, “o caçador de esmeraldas”, o cavaleiro andante das bandeiras, esteve aqui na região do pampa, antes de D. Manuel Lobo ter fundado a Colônia do Sacramento, pelos idos de 1600.

Pedro Wayne disse que foi inspirado pelos descendentes da guarda de São Sebastião, que, despertou em si, os seres antigos que vivem dentro de cada um de nós, que escreveu sobre “predestinações” a vinda deste desbravador, caçador de esmeraldas ser o primeiro civilizado branco, escolhido por estas terras, que elas mesmas o reclamavam, para embeber-se da influência sonhadora do seu espírito e transmiti-las no futuro aos que nelas se radicariam.

Conta que ao escrever o livro *Lagoa da Música*, onde conta fantasias populares dos habitantes do pampa rio-grandense. Parentes do escritor se opunham a ele, por contar e divulgar credices e superstições, adotar expressões da gíria ferindo a ciência e a língua: Tataravô Carijó; português por parte de mãe; ingleses por parte de pai; um tio-avô pernambucano, que se tornou padre. “Por isso é ele (o livro) apresentado contradizendo-se às vezes em suas afirmações, de estilo multiforme, variando a forma de narrar, desobedecendo em tudo o rigor das normas literárias, desviado que é constantemente, pelo tumulto dessa desagregação de tendências em conflito, entregue ao domicílio dos “eus” que a todo instante se revezam”.

O livro é composto por oito contos que serão apresentados a seguir:

3.2.1 Passo das Mortes.

“É um rio que come gente, porque o espírito do defunto Maneca nele mora”. Pedro Wayne conta que em 1825, General Dom Carlos de Alvear, comandante do exército espanhol, invadiu Bagé; chegavam arrombando portas das casas de comércio, roubando joias, móveis e utensílios. Para se divertirem, derrubavam animais e pessoas que passavam nas ruas; assaltaram a igreja, tocando fogo aos livros e documentos; Alvear mandou roubar gados das estâncias. Numa dessas estâncias, se toparam com um taura que tem a vida como inhapa: Maneca Camoatim. Quando viu que eram milicos espanhóis, manoteando o facão, saiu resmungando que os bois não entregava. E foi pelear, enterrando o facão em um, se desviando

de outro, a cada um que matava dava um passo para trás, pois tinha a mania de não matar dois no mesmo lugar, se aproximando cada vez mais do rio. Até que o último faltou-lhe o chão e sumiu afundando-se em mergulho final. Se espírito até hoje, quando alguém entra no rio do Passo das Mortes, cisma que são os espanhóis que vêm em busca dos bois.

3.2.2 Carvão.

Neste conto, Pedro Wayne fala da região de Seival, Dario Lassance e Candiota da riqueza do solo em carvão. Morros inteiros têm por conteúdo maciço esse precioso combustível. E o subsolo, quanto mais se aprofunda, mais inteiramente dele se reveste. Dizem que numa noite feíssima, na formação do Universo, que com as convulsões das matérias elementares em agregação, se solidificou e desabou, afundando-se no mar encapelado que se debatia por cima do que é hoje o plano firme em que pisamos. Tanto que o carvão se apresenta crivado de incrustações dum amarelo vivo, brilhantes como metais, que mais não são do que restos de astros arrastados na cambulhada do colapso da noite se esfrangalharam no choque.

Conta Pedro Wayne, que, quando os anjos de Lúcifer se rebelaram, Deus temendo saquearem seus bens preciosos que se encontrava no céu, os escondeu nos subterrâneos daqui e depois com o passar dos tempos, resolveu deixá-los em favor dos mortais. Pois, tanta e tão diversa opulência acumulada numa só região, faz desconfiar não ser consequência de mero acaso, mas sim efeito de deliberado propósito. São fatos que não estão na Bíblia, certamente por fazerem parte do que Deus não quis revelar. São conhecimentos que vêm passando de geração em geração, credices do homem rústico, ou de gaúchos crus, sem letra nenhuma, mas que não se apertam com o que a natureza exhibe procurando confundi-los.

Pedro Wayne fala dele mesmo: “Embora o personagem que conduz este livro, seja pela volta ao ingênuo, como medida urgente de normalização das consciências, não é para apurar onde a razão se apresenta, nessa disputa da ciência com a sabedoria popular, que está sendo escrito”. Trata tão somente de transmitir uns causos onde visagens de espantar figuram e nada têm de truques ou de outras infundadas procedências, passadas que foram na presença do povo que as afirmam e de quem foi assisti-las prevenido para não ser por elas enredado.

3.2.3 Caulim.

Pedro Wayne conta como nasceu o caulim por estas terras. Chegou por aqui, uma dona desconhecida de pele muito branca e foi morar num sobrado de pedra. Um dos rapazes da redondeza se apaixonou perdidamente por ela. Ela passava horas a limpar folhas mortas das roseiras, arrancar pastos nos canteiros das dalias, aguava as begônias e avencas, mas terminada a obrigação sumia por dentro do casarão. O rapaz apaixonado, rejeitado por ela, não comia e nem dormia mais. Um dia, não se contendo mais, penetrou desatinado pelo sobrado; ouvia gritos estridentes de quero-queros, tajãs, caturritas a azucriná-lo, mas era só barulheira que ele ouvia porque os pássaros eram invisíveis.

Numa sala, sentada numa cadeira, perdida em seus pensamentos, ele a encontrou; mas quando foi ajoelhar-se aos seus pés, ela dissolvera no espaço. Depois a encontrou no quarto,

recostada por almofadões, entre joias encrustadas no leito, imóvel, assim ficou até ele se aproximar dela, ao querer falar-lhe, ela se desfez confundindo-se com a luz, perdendo-se de seus olhos. Desvairado e desiludido retirou-se levando consigo o lenço de cambraia branca que estava entre uns bordados, para recordar-se dela.

Como se não estivesse regulando bem da cabeça, fez um mausoléu e cruz em mármore como se fosse para um corpo de gente, enterrou o lenço de cambraia branca. Desse dia em diante, começou a definhar, piorou muito, não atendia mais o que fosse obrigação, fazia gestos com as mãos, resmungava até que acabou morrendo e seu corpo foi enterrado junto ao lenço de cambraia branca.

O pedacinho de pano, com a umidade do solo e a decomposição do corpo do rapaz, apodreceu e inchou, cresceu de tamanho e se converteu em líquido alvo correndo por debaixo dos morros, infiltrando-se por debaixo das pedras dentro do chão, depois engrossando, transformado em massa se compôs o caulim.

3.2.4 Tesouro dos jesuítas.

Esses padres foram os primeiros a fazerem os índios sentirem o poder da mansidão, a força dominadora dos propósitos pacíficos, fazendo com que tivessem consciência do sentir civilizado, ensinaram-lhes ofícios e hábitos dos brancos, ensinaram-lhes música, escultura e pintura. Em 1750 em razão do Tratado de Madrid entre os espanhóis e portugueses, os jesuítas foram obrigados a deixarem os Sete Povos das Missões. Centenas de barras de ouro, muitas estátuas de apóstolos de tamanho de criaturas naturais, tudo de ouro maciço, fora os cofres recheados de pratas antigas e pesadas, foram enterrados, sendo confiado a Cumbaé, rapaz então de vinte e poucos anos, a missão de não se afastar das proximidades da valiosa fortuna sepultada, vigiando-a e resguardando-a caso viessem a descobri-la e tentassem dela se apoderar. Com a dedicação e a lealdade como atributo de relevância de seu caráter rijo nunca mais se afastou da cercania em que jaziam as relíquias sagradas confiadas à sua guarda e vigilância. Atento ao seu posto envelheceu e morreu. Quase duzentos anos se passaram sem ninguém ousar tocar nos bens a ele confiado, que nem pela morte se sentiu desobrigado da severa tarefa. Um homem comprou essas terras e obcecado para achar os tesouros dos jesuítas a tanto tempo enterrado, passou a vida cavando sem nunca encontrar as relíquias. Entretanto desconhece que há uma determinação invisível desviando as batidas que cava, fazendo-as, sem que se apercebam aqueles que as desferem, modificarem o rumo das galerias, tomando direções diferentes desviando de onde estão as barras de ouro.

Não cessou até hoje a violenta luta entre a alma do Cumbaé e o do desesperado homem que cavou até a morte sem encontrar nada.

3.2.5 Lagoa da Música.

“Depois tem o que pela Lagoa da Música se passa, e foi escrito em 1945, quando então a ideia deste livro nasceu. Mas veio a doença e veio a morte me arredando pelos caminhos onde durante seis anos dolorosos se não estive também de todo estiveram em mim apagados o

gosto e a vontade do que não fosse relembrar e sofrer a que se fizera eterna ausência.” De 1945 a junho de 1951, deste livro nada mais havia do que as doze primeiras páginas a seguir:

Duas horas da madrugada, a janela do quarto da filha aberta para renovar o ar, o faz deixar por um tempo, os vidros de remédios, o ar febril da doente, as faces avermelhadas e a respiração irregular que deixam seu coração aos pedaços. Por esta janela é levado (sou levado) para uma outra noite já passada há alguns anos; noite igual a esta com a mesma claridade das estrelas do campo. Foi nessa noite, já quase ao amanhecer, que o Carocha, o Alemão, os Feijós, o Estêvão, o Virgílio, o João grosso e o Marcos, antes de pegarem o serviço, vieram tomar mate no meu rancho. Havia chovido uma semana quase inteira. As sangas corriam cheias. Poças d’água, límpidas e reluzentes, fingindo de espelho, davam ao campo aparência de parede de barbearia. Mas nessa noite, o rumor grande vinha lá detrás do mato espesso. A chuva caía em cachoeiras. Era a mais exuberante das lagoas do Rio Negro em ruidosa manifestação.

É um espetáculo para quem chega até a Lagoa da Música e escuta a misteriosa mensagem vinda do desconhecido, que todos os dias a mesma hora, ela envia aos entes vivos que por ali se acham... Contam os antigos, que, no mais admirável recanto daquela zona, justamente no ponto onde a natureza melhor caprichou e embelezou, teve o Rio Grande do Sul em 1893, seu acontecimento mais trágico.

Então lá do fundo de certo trecho da lagoa vem um som harmonioso que pouco a pouco vai aumentando de intensidade até que aflorando à tona, estruge forte e enérgico, deixando atônitos os que não estão acostumados com ele. Mas os dali sabem que é o encantamento produzido pelo sangue de trezentos e muitos gaúchos degolados, com seus corpos atirados na lagoa que está se realizando. Sabem, que numa tarde inteira e numa noite toda de 1893, a faca do negro Adão Latorre não parou um instante de cortar carótidas. Sabem, que dos dois mil prisioneiros encerrados como animais na mangueira de pedra, ao lado da lagoa, trezentos e muitos foram degolados. Depois de despídos das roupas eram mandados deitar para melhor proceder a chacina. Dizem que negro Adão chamava um por um dos guerreiros presos e mandava-os pronunciar a letra jota. O que pronunciava “rota” era castelhano e recebia o aço afiado que lhe abria o talho de orelha a orelha. Mas não só os castelhanos foram imolados. Muitos brasileiros estavam na lista das vinganças. Negro Adão trazia no peito “ferida braba” recém-aberta que não lhe dava trégua no sofrimento, é que não fazia muito, gente daquela força que ali estava rendida, degolara um filho seu. Se até os bichos se enraivecem e investem em desatino se lhes ferem as crias, quanto mais um homem guerreiro ao encontrar o cadáver mutilado de um filho!

O último a ser sacrificado foi o rapazinho adversário que na hora da rendição tocara o clarim mandando “cessar fogo!” Foi destemido e macho de verdade na hora da morte como o tinha sido nos momentos de bala e pólvora e nas ocasiões tilintantes de espadas se chocando em lanças. Cabeça erguida, voz firme e insultante, ordenou ao preto carrasco: “– Degola, negro malévolo, que um gaúcho não se achica!” Na fita branca de seu chapéu de abas largas, tinha a legenda atrevida: “Não peço nem dou vantagens!” Seu corpo deformado afundou nas águas da lagoa encerrando aquele trágico episódio.

Desde aquele dia, sabem os moradores do Rio Negro que, na mesma hora em que no combate feroz e prolongado, foi dada a ordem de rendição à alma do jovem combatente, vem do fundo da lagoa, subindo lentamente, enquanto seu clarim repete as mesmas notas do toque de “cessar fogo!” Os incrédulos dizem que os sons harmoniosos ali ouvidos, nada mais são do que fenômenos de acústica.

3.2.6 Rincão da Preta.

Há no Rincão da Preta, as ruínas de um casarão secular e do qual restam apenas as grandes paredes, formadas de lajes superpostas, que com a solidez das construções antigas, resistem inabaláveis tormentas por estar num lugar descampado. Os vãos onde outrora estiveram pesadas portas esculpidas e largas janelas de guilhotina escancaram-se, apenas revestidos pela invasão das trepadeiras agrestes que neles formam como que bizarras cortinas de folhagem verde de flores de colorido variado. Talvez a uns passos da imponente tapera, sob respeitável figueira robustecida pelos anos e pela seiva forte da terra, cujas raízes volumosas sobressaem sinuosas do chão e enormes galhos de exuberante folhagem, encontra-se um túmulo de pequena coluna de tijolo e cal. Em todos os dias 28 de maio de cada ano, os moradores da zona e até de outras regiões distantes, vão em romaria adorar aquele jazigo, levando-lhes, velas, imagens toscas, estampas de santos e quantas oferendas mais o espírito simples daquela gente, na fé rústica de obterem milagres, acha de depositar ao pé da venerada acampa. E, mesmo durante todo o ano, conserva-se coberto de flores e coroas tecidas com arame e papel. Homens e mulheres de joelhos, com grande devoção, rezam e pedem-lhe graças, fazendo promessas. Culto que vem sendo mantido desde 1894, quando o heroísmo santificador da que não se escondeu da morte porque esse era o resgate tachado pelo infortúnio para salvar aquela a quem se afeiçoara.

A preta foi criada pela família da moça branca, desde o nascimento, pois ficara órfã. Deveriam ambas regular de idade. Trazia em sua índole a fidelidade aos senhores extremamente desenvolvida, como era comum aos pretos de suas condições, domesticados pelo convívio íntimo, como um cão pelo seu dono, para defendê-los, preservá-los de qualquer ataque, mantinham-se zelosos e vigilantes, capazes de se exporem a todos os riscos. A moça branca, assustada segurando um lampião, inspecionara pela terceira vez, cada porta e janela certificando-se que os ferrolhos estavam bem fechados. O marido saíra pela manhã cedo para assinar no cartório da vila a escritura do campo em que moravam. Ficar à noite sozinha sem a companhia do esposo causava-lhe medo e muita sensação de insegurança. A revolução atingira ao auge, a época era de desassossego e pavor para os moradores da campanha. A preta calma e bondosa procurava dar-lhe ânimo:

- Não si aturmenti cristão di Deus, patrão Januario com a graça divina vem em caminho por aí!

Os cachorros, enraivecidos, davam sinal que cavalos se aproximavam. A preta, abrindo a porta, enxergou ao longe a figura de um gaúcho. Voltando decidida, a preta abrindo a gaveta de um móvel, retira um objeto e o escondera no bolso do avental. Era o Lucas,

quando embriagado tinha o hábito de desmanchar a buchada de alguém com a adaga de cabo e bainha de prata, que comprara.

Vivia assim, engajado num batalhão de guerreiros. Tudo havia feito, anos antes, para casar com a senhora branca, tendo tido suas reiteradas pretensões repelidas. Ao vê-la esposa de Januário, dizia que iria vingar-se. Com certeza tendo sabido da ausência do marido, julgara chegado o momento de consumir o que vinha a tempo premeditando.

A preta disse a sua ama, que fechasse a entrada com tranca, que ela ia esperar o bandido lá fora. Um cavalo esbarra subitamente em frente à casa. A voz que chegava brusca e agressiva, gritando impropérios e obscenidades, desceu do cavalo.

Um confuso zunzum de discussão e um frágil rumor de luta, na qual alguém facilmente era vencido e jogado ao chão. Dois tiros consecutivos de pistola detonaram e em seguida um tiro de revólver ecoou, logo após dois corpos caíram ao chão.

No silêncio da madrugada, o marido regressava, encontrando o cadáver de Lucas estendido rente a parede e atravessado ao pé da porta, o da preta, com a mão direita aberta e em sua palma a pistola de dois canos, que ele, o dono da casa, trazia guardada na gaveta da mesa.

3.2.7 Panela do Candal.

Pedro Wayne conta que, das barrancas da Panela do Candal, bem na bacia em que o rio Bagé prende a cidade com um dos seus mais vistosos recantos, sai um subterrâneo que, passando por baixo da Igreja Matriz de São Sebastião, se prolonga por quilômetros de comprimento, indo desembocar na Lagoa do Umbu a que fica no José Tavares do Passo do Espantoso.

É um corredor subterrâneo com mais ou menos sete léguas. E nele mora um bicho de um olho só, passa dezena de anos sem manifestar, mas quando desembesta sua sanha destruidora, destrói tudo. No entanto, não se faz malvado por ter em sua índole tendência para isso. Começa a ser conhecido lá por 1811, ao chegar às imediações dos Cerros de Bagé, o Tenente-General Dom Diogo de Souza. Não havia neste lugar cidade, nem vila, nem mesmo casa dispersa. Um índio e que outro em busca de caça e o mais era bicharada correndo livremente. Tranquilo vivia sem ser molestado. Até que, com a chegada dos estranhos, começaram a levantar casas de torrão e palha, invadindo essas terras, aparecimento de perigos a que não conheciam, armas de alcance foram trocadas pelas inofensivas flechas, o bicho então buscou esconderijo seguro. Saiu dos cerros e foi para o subterrâneo da Panela do Candal.

Multiplicava-se a população. A poucos metros da Panela do Candal, haviam levantado uma capelinha tosca, de torrão e palha, onde se aglomeravam os fiéis em torno da imagem de São Sebastião. Às vezes com muitas chuvas, o leito do rio Bagé transbordava invadindo tudo pelas tocas das barrancas, afogando os animais que nelas se achavam. Cansado nas investidas desesperadas para salvar-se e só mesmo graças a sua resistência conseguira atingir o rio e

esconder-se, submergindo o corpo, deixando a cabeça de fora, oculta entre as ramas dos sarandizais das margens. Mesmo assim, acontecera ser identificado e punham-se a caçá-lo. Chegavam-lhe em cima para feri-lo. Chagas que não cicatrizavam, deixando o rastro de sangue por onde passava. Matilhas de cachorros atiravam-se a nado contra ele procurando mordê-lo. Até que um dia, parando a chuva, abaixando o volume das águas do rio Bagé, já cansado e com fome, com as entranhas roídas pelo jejum, mortificado pelas úlceras que se infestavam de insetos a picá-las, com larvas em efervescência evolutiva, endoideceu de vez, num bote rápido colheu em seus colossais anéis compressores a carroça com dois cavalos e o rapaz que a guiava, fazendo-os desaparecer nas águas, esmagando-os e arrastando-os para o subterrâneo. E se travou a luta corajosa entre o homem decidido e destemeroso e o bicho cujo furor o arrojava a se bater com denodo. Teve um período de desatino tão grande que deixou de cuidar que não o vissem, expondo-se a percorrer os lugares mais frequentados pela população. Uma vez que surgiu num enterro da capelinha de torrão. Surgiu despedaçando as portas do templo.

O cortejo era quase que só de mulheres e crianças, pois era de um menino que iam enterrar; desenrolou-se um escarniçado encontro entre o monstro e os povoadores da nascente da cidade. Lanças e espadas entortavam-se e quebravam-se nas mãos raivosas no corpo dele, deflagravam as garruchas e mosquetes e o bicho com meio corpo levantado atendia a todos, enlaçava o cristão pelas paletas e quebrava-lhe a espinha jogando longe e já estava com outro seguro. Até que uma lança varou-lhe a pupila, arrancando-lhe o olho. Com a visão desacomodada pela falta do olho, errava os golpes desferindo-os a esmo, sentiu-se sem defesa, abandonando a peleja, fazendo-lhe recolher-se ao abrigo. Ficou por uns trinta anos embaixo nas galerias subterrâneas, até que, uma obra insana, fizeram cavar a passagem, que por baixo do chão liga a Lagoa do Umbu e o Passo do Espantoso. Ao tombar a última camada de terra, viu com seu único olho a claridade surgir no rombo final da lenta escavação, tão logo a brecha se fendeu jogou-se para fora aliviado e solto no campo. Começou a sentir um vazio de fome e sem fazer ruído foi formando gigantesca espiral apoiada sobre a cauda e saltou em cima de um veado que dormia. Homens saíam e transitavam por ali, e recomeçava o seu desassossego. Arrebentaram tiros e gritarias, ferindo-lhe à bala que, tendo-lhe penetrado sem sair, ficou formando calombo duro e ardente. Então voltou a se embrenhar no subterrâneo até hoje, nunca mais saindo de lá.

Há pouco tempo, durante uma missa, deu pinotes e se torceu tanto no que se passa embaixo da Matriz, que rachou paredes, fez cair rebocos, alteou o piso, descascou pinturas e se não calçassem às pressas a igreja desabaria. Daí começou a criar fama. Porque continuou submisso, mesmo sofrendo as mais duras penas por seus algozes, não se propalou estoica brandura de que era dotado.

3.2.7.1 Considerações sobre o conto “Panela do Candal”.

O conto do monstro da Panela do Candal contado por PW pode ser inserido nas lendas da Cobra Grande, Boitatá da região do nordeste brasileiro, mas com as características da região da Campanha, mais precisamente na cidade de Bagé.

O escritor teve como objetivo de contar a qualidade das pessoas deste local, sua fé e imaginário como no trecho a seguir:

O gaúcho reconhece Deus, cultua o sobrenatural, mas duma maneira diferente da de outros povos que o fazem como revelações ante as quais evidencia-se seu medo, fraqueza e pequenez, enquanto ele venera essas manifestações, mas sem pusilanimidade, seus ilimitados sons de independência não lhe permitem deprimir-se e implorar. O que lhe leva a dizer, quando vai disputar em suas peleias com outros em contendias mortais:- Vamos ver Deus por quem é! (WAYNE, 2000, pág. 74).

Como todos os causos sul-rio-grandenses, os bajeenses também conservam a figura de seu personagem principal, a bravura, a coragem e a revolta. Tem sua característica em fundamentos psicológicos do povo, mantendo a altivez de quem não se amedronta ante poder nenhum.

Conforme a notícia do Jornal Minuano do dia 23/07/2020, o prefeito de Bagé, Divaldo Lara, divulgou o início da obra de revitalização da Panela do Candal. O projeto tem como finalidade tornar o local histórico um ponto turístico com área de lazer para a comunidade. Terá um mirante pela Rua Almirante Gonçalves, pavimentação para circulação de veículos, praçinha com quiosque para alimentação e um monumento do Monstro da Panela do Candal.

3.2.8 Água da bica.

Por volta de 1854, quando governava como Presidente da Província um doutor chamado João Lins Vieira Cansação de Sinibu, uma importante obra destinada a bastecer de água a população custava aos cofres públicos a escandalosa soma de dois contos e quinhentos mil réis. É que naquele ponto, a leste da cidade, uma vertente clara, brotava do chão, diziam que eram lágrimas da noiva de um farrapo, 1836, marchara para o campo dos Menezes. Se morreu, ninguém viu. Se foi embora com china para viver em outros pagos, ninguém soube. Mas nunca mais voltou. Quanto maior o desatino, a moça ia chorar na pedra onde haviam se despedido. Andou nisso anos e anos, até que Deus a levou. O solo juntando seu pranto foi formando a nascente que dava aos que dela bebiam a ânsia de ficar e, aflição de voltar. Muitos que vieram, dessa água beberam, ficaram aqui, adiaram as viagens, fazendo rodeios a fim de permanecer aqui e até hoje se encontram com casa montada, mulher e filhos. É que o milagre existe.

“Quem bebe água da bica, aqui fica.”

Além de tudo... A bajeense é bonita de dar fama. A nossa morenaça era de estampa que podia figurar, nos dias de hoje, em qualquer eleição para Miss. A espanhola e a portuguesa, mulheres de portes atraentes, bem dotadas de traços fisionômicos, exuberantes, quer nas formas como no temperamento. Pois a fusão desses sangues criou o tipo bageense.

Os predicados dessas formosuras hipnotizavam os chegantes e os detém perpetuamente enleados por aqui.

Não sei qual das duas hipóteses é a certa, se é a da bageense ou da água da bica, quem chega aqui não se vai mais embora.

3.3 O autor apresenta-se na obra.

O trecho final do livro *Lagoa da Música* deixa evidente a presença do narrador que está sempre presente desde o início do livro, informando as origens da história, os personagens, fazendo comentários sobre cada passagem da sua história imaginativa relacionando com a vida diária e dos costumes dos moradores destas terras. Quando o autor conta sobre os seus ancestrais e comenta fatos sobre a doença da filha, entendemos que o narrador funde-se com o autor já que se torna um personagem da própria história que conta como no trecho a seguir:

Repetirei, colhido no local, o que ouvi de sua gente, domadores e carreteiros, alambradores e peões de estância, plantadores de trigo e açudeiros, esquiladores e tropeiros, com eles conversando nos galpões e nas viajadas, nas lavouras e nos boliches, nas reuniões de carreiras e nas festas da chegada dos padres, com suas mulheres e filhas, nos ranchos ou na beira dos arroios e das lagoas enquanto esfregando e estendendo roupas me narravam os feitos milagrosos, curas de doentes que mão de médico não dá jeito. (WAYNE, 2000, p. 61-62)

Pedro Wayne faleceu em 1951 e o livro *Lagoa da Música* foi publicado só em 1955, mas foi por volta de 1945 que o autor começou a escrever, entre uma dose e outra de remédio para a filha, os “causos” contados pelos moradores da região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro contato com o livro *Lagoa da Música* foi durante o projeto de “Contação de Histórias” com a professora Dra. Vera Lúcia Medeiros em 2009 no início do meu curso de Letras na Unipampa Campus Bagé. Logo no ano seguinte, como funcionária pública municipal, fui transferida para a casa de Cultura Pedro Wayne onde conheci o Acervo doado pela família Wayne.

Conforme Manoelito de Ornellas, jornalista e escritor brasileiro e amigo de Pedro Wayne, diz que ele fez muitos amigos; era um homem bom, modesto e corajoso, tendo lutado sempre contra o nazismo, pois viveu essa época enquanto trabalhava no Banco Pelotense em Bagé, e mantido o diálogo com todos, ganhando a vida como guarda-livros e jornalista.

O projeto do Memorial Pedro Wayne iniciou há alguns anos, quando foi feita a doação, pela família Wayne, dos móveis, livros, cartas, documentos, para a Casa de Cultura Pedro Wayne localizada na Av. Sete de Setembro, 1001, onde podemos encontrar o Acervo do escritor, máquina de escrever, o livro *Pedro Wayne: Artigos e Crônicas*, que o próprio PW começou a guardar as suas colagens de poemas manuscritos, notas de jornais e revistas que se reportavam a ele, feito em um livro de contabilidade com 600 páginas, e às impermeabilizou com cola caseira; sua impressionante biblioteca contendo livros raros do final do século XIX e do início do século XX, além de cartas manuscritas, outras datilografadas, enviadas e recebidas pelo escritor, documentos que registram as amizades e parte do movimento intelectual do qual fazia parte Pedro Wayne.

Em entrevista com a professora Heloisa Beckman, formada em Belas Artes, pela URCAMP Bagé, contou-me que, enquanto diretora da Casa de Cultura Pedro Wayne em Bagé, recebeu uma proposta, em 2017, por parte das bibliotecárias da Unipampa: Vanessa Abreu Dias, Vera Lúcia Leite e Deise pestana, solicitaram um empréstimo dos livros originais do escritor Pedro Wayne para a Fundação Iberê Camargo por ocasião da exposição dos “Quatro de Bagé” (Danúbio Gonçalves, Glênio Bianchetti, Carlos Scliar e Glauco Rodrigues) em contrapartida, em parceria com o Campus Jaguarão, primeiramente fosse digitalizado o livro *Artigos e Crônicas de Pedro Wayne* no qual já foi entregue em formato de CD. Depois toda a obra do PW foi digitalizada e já entregue para fazer parte do acervo do museu virtual.

Foram realizadas reuniões ao longo desses anos entre representantes da Unipampa e Prefeitura Municipal de Bagé para a criação do Museu Virtual do Pedro Wayne, o primeiro museu virtual de Bagé, sendo uma ferramenta para abrir espaço para outras manifestações artísticas da região.

As tratativas recomeçaram neste mês de maio/2021, já que, como diz a professora Heloisa, lamentavelmente essas ações haviam sendo interrompidas por causa da pandemia do Covid-19.

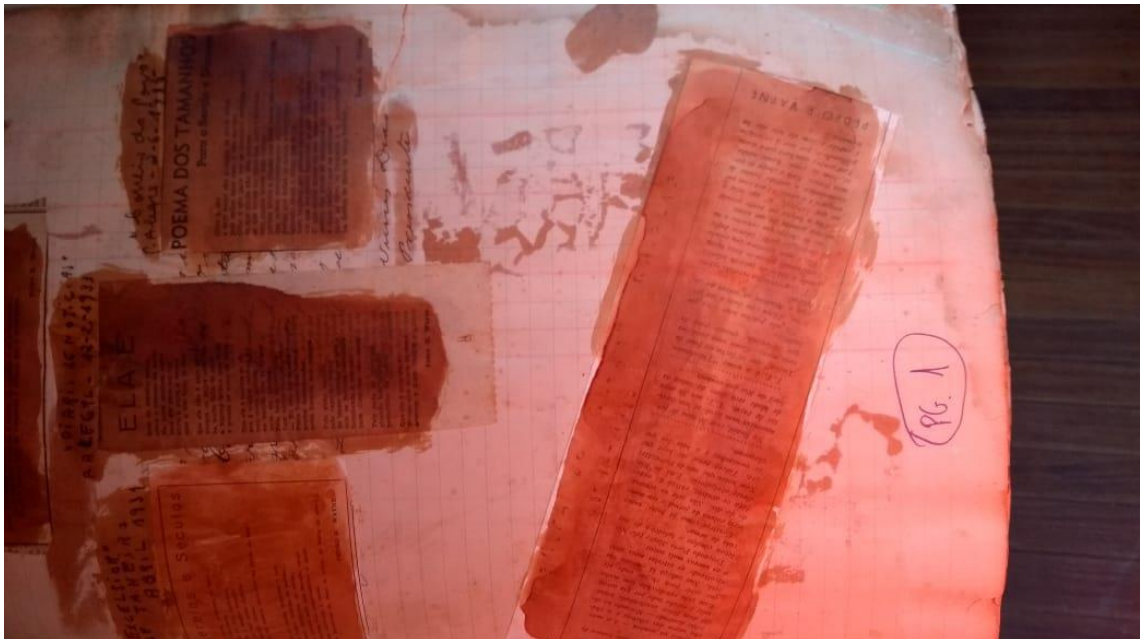
ANEXOS

Figura 1 – Livro em que Pedro Wayne guardou recortes de jornais e de revistas.



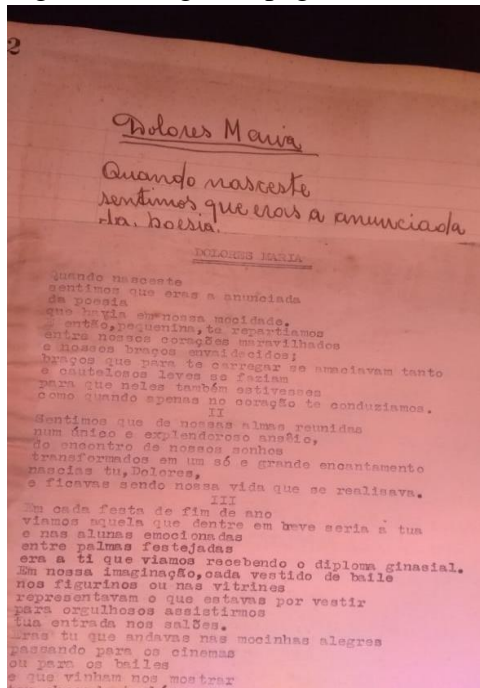
Fonte: Autora.

Figura 2 – A primeira página do livro.



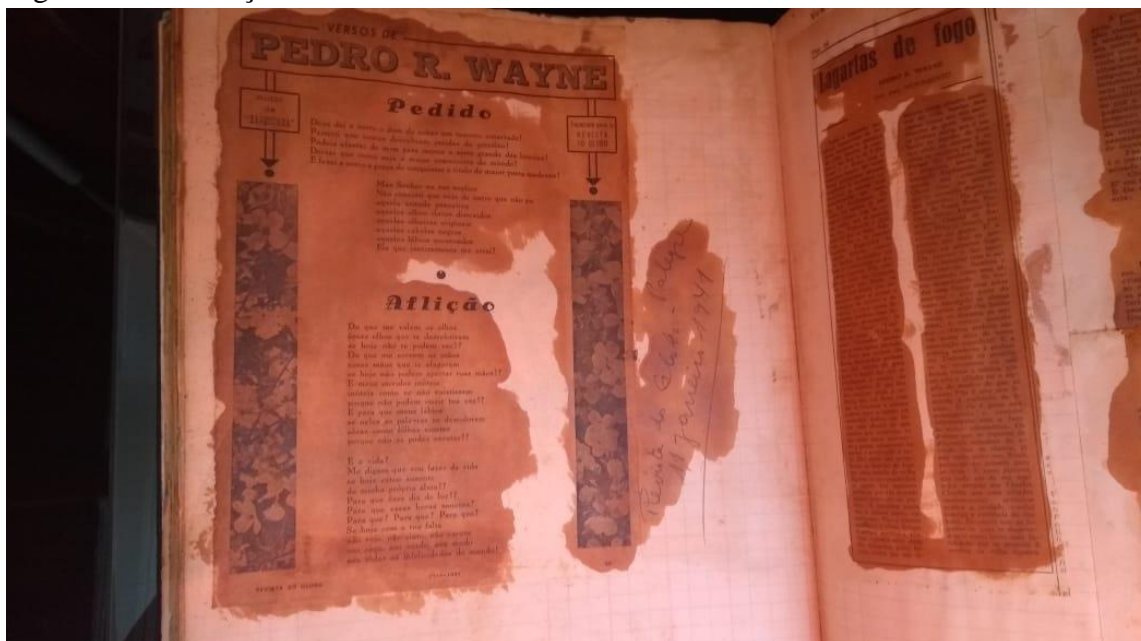
Fonte: Autora.

Figura 3 – Segunda página do livro com anotação manuscrita pelo próprio Pedro Wayne.



Fonte: Autora.

Figura 4 – Publicação da Revista Globo em 11/01/1941.



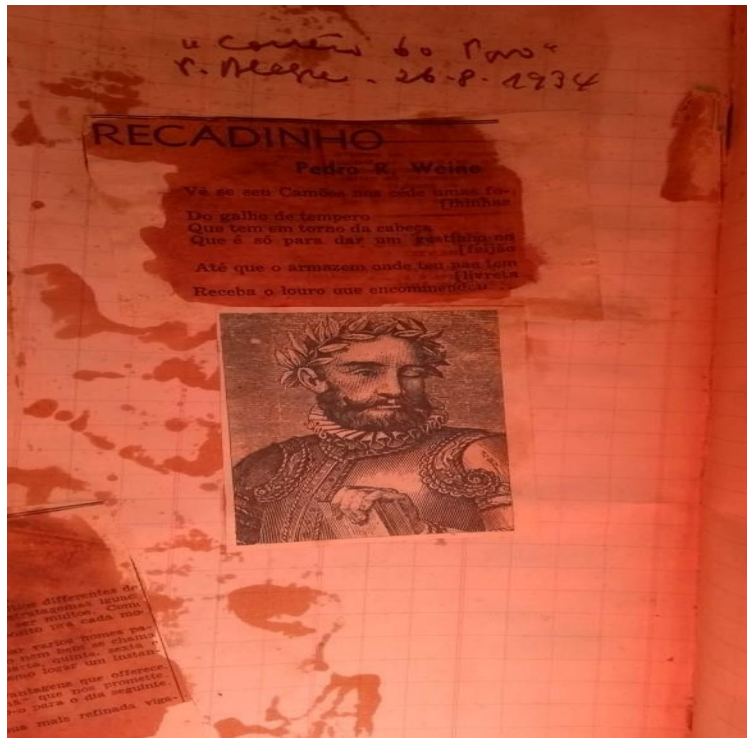
Fonte: Autora.

Figura 5 – Publicação da Revista Globo em 23/03/1946 sobre a Lagoa da Música.



Fonte: Autora.

Figura 6 – Primeira publicação no Jornal Correio do Povo de P. Alegre em 26/08/1934.



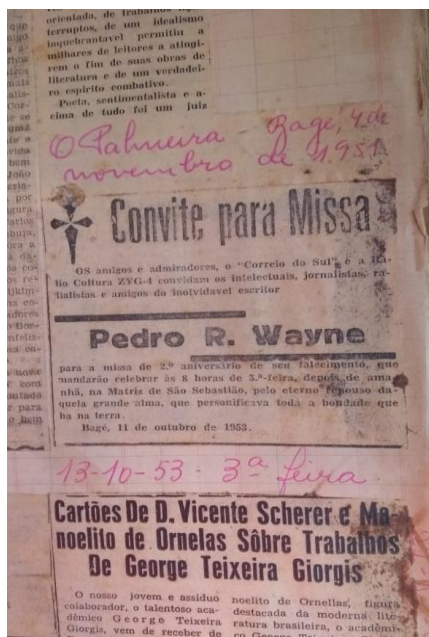
Fonte: Autora.

Figura 7 – Anúncio da morte do escritor Pedro Wayne.



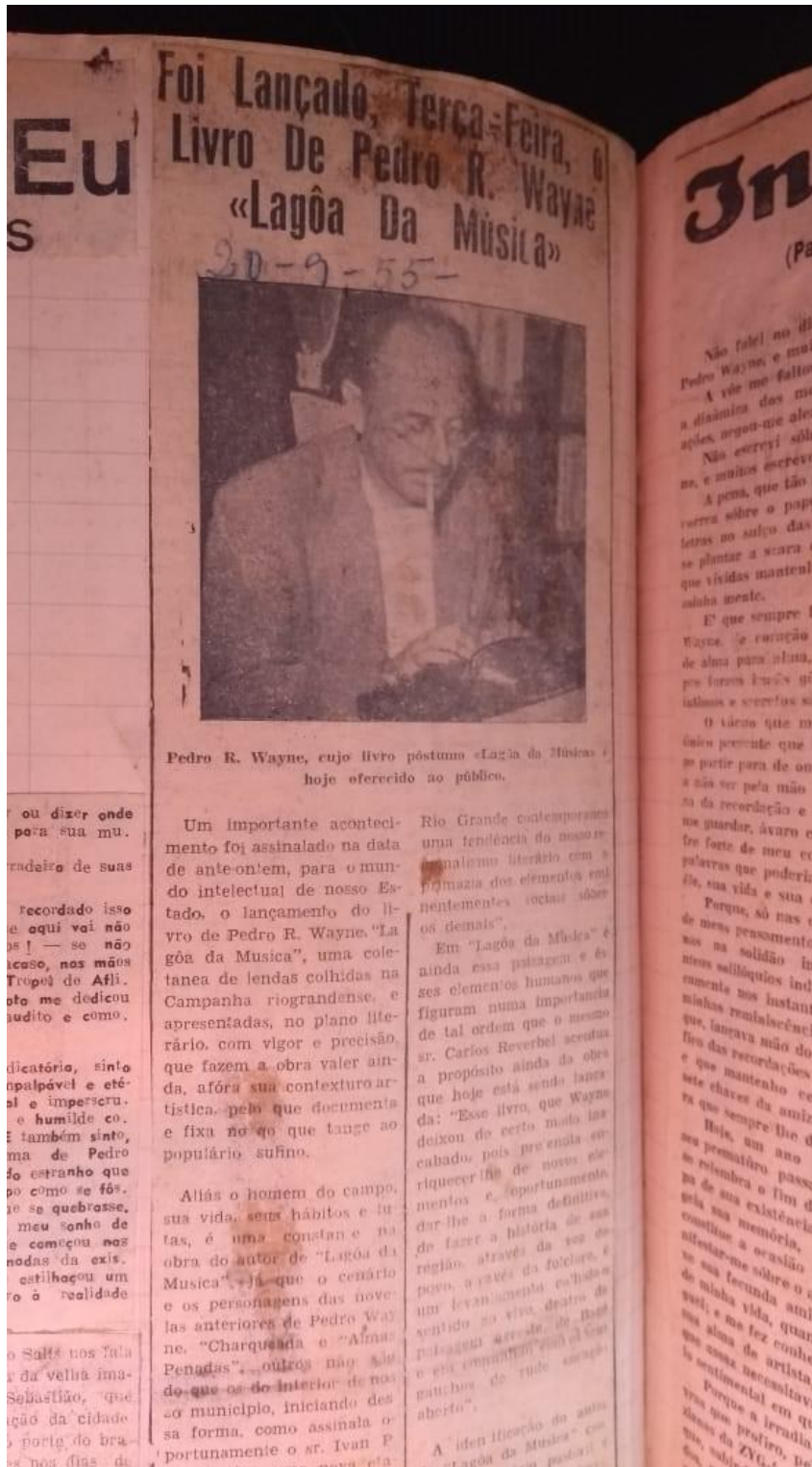
Fonte: Autora.

Figura 8 – Convite para a Missa de 2º ano de falecimento.



Fonte: Autora.

Figura 09 –Recorte de 20/09/1955 alusivo ao lançamento do livro *Lagoa da música*.



Fonte: Autora.

Figura 11 – Dona Ester Wayne, a Teté, filha do Pedro Wayne, quando visitou a Casa de Cultura Pedro Wayne, em julho de 2018, e conversamos sobre o seu pai.



Fonte: Autora.

Figura 12 – Acervo da Família Wayne doado para a Casa de Cultura Pedro Wayne



Fonte: Autora.

Figura 13 – Utensílios pessoais do Pedro Wayne.



Fonte: Autora.

Figura 14 – Mesa, máquina de escrever, livros do escritor PW.



Fonte: Autora.

Figura 15 – Parte do Acervo do PW.



Fonte: Autora.

Figura 16 – Estante com livros com datas de 1890, 1892, 1900, etc.



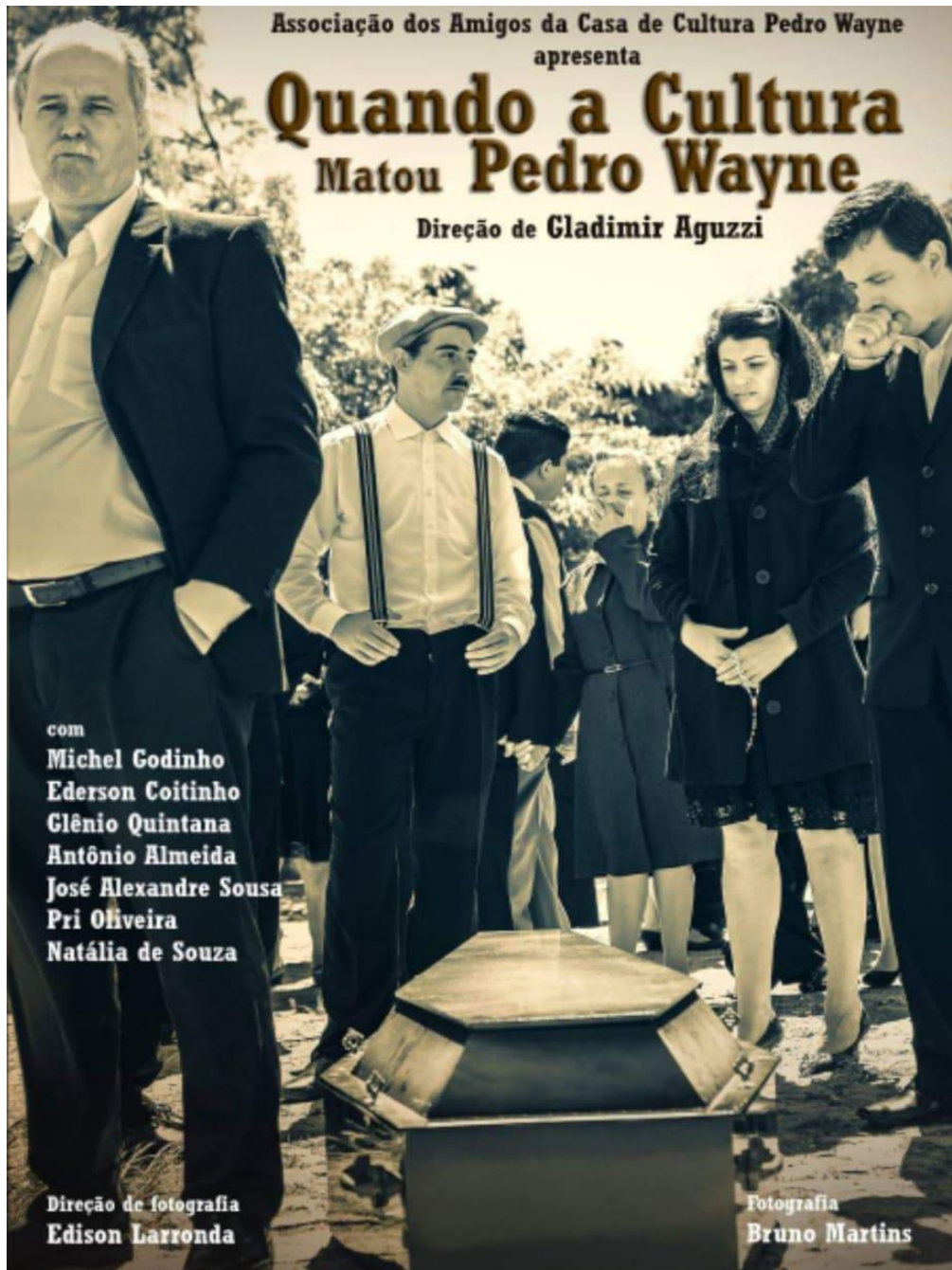
Fonte: Autora.

Figura 17 – O quarto do escritor Pedro Wayne, inclusive o colchão e a colcha que cobre a cama, bem preservados apesar do tempo.



Fonte: Autora.

Figura 18 – Foto do cartaz do filme “Quando a Cultura matou Pedro Wayne”.



Fonte: Autora.

Figura 19 – Foto de uma cena do filme.



Fonte: Autora.

Figura 20 – Dona Ester Wayne filha do PW, Rosângela Wayne é neta do PW.



Fonte: Autora.

REFERÊNCIAS

ASSUMPCÃO, C. **Panorama Poético de Pedro R. Wayne**. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Ciências e Letras, 1975.

MEDEIROS, V. **Lagoa da Música de Pedro Wayne**: ecos da história e do imaginário do pampa gaúcho. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/5824/3428>. Acesso em: 10 abr. 2021.

ROSA, C. **Um alfabeto à parte. Biobibliografia de Pedro Rubens de Freitas Wayne**, Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2009.

WAYNE, E. **Pedro Wayne**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1989.

WAYNE, P. **Dina**. Porto Alegre: Editora Globo, 1935.

_____. **Lagoa da Música**. Porto Alegre/RS: EVANGRAF, 2000.